

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Shirley Angelina de Abreu

Podcasting: o uso de uma ferramenta para contar histórias

Belo Horizonte
2012

Shirley Angelina de Abreu

Podcasting: o uso de uma ferramenta para contar histórias

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Cláudia Starling Bôsko

Belo Horizonte

2012

Shirley Angelina de Abreu

Podcasting: o uso de uma ferramenta para contar histórias

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Cláudia Starling Bôsko

Aprovado em 14 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Cláudia Starling Bôsko – Faculdade de Educação da UFMG

Maria Flor de Maio Barbosa Benfica– Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

Podcasting é uma ferramenta que pode indicar caminhos na compreensão e percepção de estratégias para o uso de mídias em educação, neste projeto foi usado para contar histórias como práticas de letramento literário. Este trabalho tem como objetivo de fomentar a contação de histórias desenvolvidos pelos alunos no final do 2º Ciclo do Ensino Básico e vivenciar práticas reais de uso das novas tecnologias na escola, utilizando o podcasting: uma ferramenta que ajuda a desenvolver a oralidade e os sentidos. A literatura infantil proporciona à criança um desenvolvimento emocional, social e cognitivo indiscutível, como sinaliza os estudos de Soares (2004), Bortoni-Ricardo (2004), Coelho (2000), pois as histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, entre outros. Após o contato inicial, feito por meio do reconto de história, seguido de gravação e publicação em um blog os alunos podem introduzir técnicas de produção da mídia tornando-os sujeitos ativos no processo comunicativo, expressando, neste, suas necessidades, angústias e anseios. Os resultados apontam que aderiram e identificaram-se e produziram textos de forma a se expressarem espontaneamente independente da variação linguística que utilizaram.

Palavras-chave: Podcasting – contação de histórias – literatura infantil - oralidade

AGRADECIMENTOS

*“ Uns sabem e não acreditam.
Esses não chegam nunca a ver.
Outros não sabem e acreditam.
Esses não veem mais que um cego.”
Provérbio Africano*

Obrigada, meu Deus, Pai todo-poderoso, Olorum criador do céu e da terra, a quem tantas vezes invoquei por ajuda, paciência, sabedoria, entendimento, paz, saúde e força para realizar este trabalho. Obrigada, espíritos de luz, que tantas vezes invoquei por entendimento, sabedoria, tranquilidade compreensão e abertura dos caminhos. Obrigada, Vó Adelina (in memoriam), pelos amáveis conselhos, pelo exemplo de fé e coragem de viver. Obrigada, a bisavó Angelina (in memoriam), de quem herdei esse nome, por contar-nos histórias a beira do fogão à lenha, na roça.

Obrigada, Professora Tereza pela compreensão, disposição, partilhamento do conhecimento e, principalmente, pelo carinho. Aos meus familiares mãe, filha, irmão e sobrinhos. Parentes próximos e distantes.

Obrigada as Professoras Cássia, Graça e Maria Angélica pelos incansáveis incentivos e, principalmente, pela amizade.

Obrigada ao Joéffisson e ao Wagner, pelo incentivo, apoio, partilhas do dia a dia e, principalmente, pela amizade. Obrigada, Paulo, pelo companheirismo e paciência. Obrigada aos amigos João, Maisa, Fabiana que, mesmo de longe, torceram e acreditaram nesse projeto.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2 .Uma escola pioneira em inclusão	8
3. Biblioteca espaço de mediações e parcerias - teoria e prática.....	9
4. Podcasting: o uso de uma ferramenta para contar histórias	12
5 .Contar histórias: uma história muito antiga	13
6. Objetivo geral.....	16
6.1. Objetivo específico.....	16

7. Metodologia.....	16
7. 1.Atividades na sala de aula	18
7.2. Atividades na biblioteca	18
7.2.1. Leitura e exploração das histórias	19
7.2.2. Como o gato e o rato se tornaram inimigos.....	19
7.2.3. Noite Escura	21
7.2.3. O casamento do filho do vento	23
8. Taxonomia de podcasting.....	25
9.Análise dos Trabalhos segundo a sociolinguística	27
9.Considerações Finais	30
10.Referências	32
ANEXOS A (Transcrições1, 2 e 3)	35
ANEXOS B (Ilustrações 1, 2 e 3)	36

1.INTRODUÇÃO

Este plano de ação surgiu a partir da necessidade de aprofundar os conhecimentos aprendidos no Curso de Especialização na área de concentração: Alfabetização e Letramento oferecido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, bem como, de alguns questionamentos de como usar a tecnologia na sala de aula, na biblioteca e nos demais espaços em que ela se faz presente. Este projeto busca refletir sobre as práticas de letramento em uma biblioteca escolar e da atuação deste ambiente como espaço de mediação e de leitura.

Algumas participações em debates, fóruns de biblioteca escolar, repasse das reuniões pedagógicas, conversas com professores do PIP (Projeto de Intervenção Pedagógica) também contribuíram para a execução da pesquisa.

A Instituição participante deste projeto foi a Escola Municipal Professor Edgar da Matta Machado, situada a Região Nordeste de Belo Horizonte, caracterizada como periferia, contexto na qual a escola está inserida.

O tema escolhido: a utilização das Tecnologias da Comunicação no

processo de letramento surgiu da necessidade de motivar as crianças a experimentar em o compartilhamento de leituras e de entusiasamá-las por meio de atividades significativas e produtoras de significados, bem como, a necessidade de inseri-las na sociedade digital.

Podcast é uma palavra que vem do laço criado entre Ipod – aparelho produzido pela Apple que reproduz mp3 e Broadcast (transmissão), podendo defini-lo como sendo um programa de rádio personalizado gravado nas extensões mp3,ogg¹ ou mp4, podendo ser armazenado no computador e/ou disponibilizados na Internet, vinculado a um arquivo de informação que permite que se assine os programas recebendo as informações sem precisar de ir ao site do produtor, ou seja, o programa é transmitido ao mesmo tempo em que é escutado.

Por meio do reconto, seguido de gravação e publicação em um blog, os alunos podem introduzir técnicas de produção da mídia tornando-se sujeitos ativos no processo comunicativo, expressando, neste, suas necessidades, angústias e anseios, pois a literatura infantil proporciona à criança um desenvolvimento emocional, social e cognitivo indiscutível.

1. Uma escola pioneira em inclusão

A escola Municipal Professor Edgar da Matta Machado está localizada a Região Nordeste de Belo Horizonte e foi inaugurada em 06 de outubro de 1998. O seu entorno é caracterizado periferia com diversas famílias em situação precária. Há cerca de oito anos, uma Unidade Municipal de Educação Infantil foi construída no bairro vizinho, dessa unidade faz parte da escola, sendo que sua estrutura conta com um anexo. A UMEI (Unidade Municipal de Educação Infantil – Cavalinho de Pau), com um bloco, tem cinco salas de aula, sala dos professores, sala da direção, secretaria, cantina, refeitório, parquinho, depósito de limpeza, horta, jardins. Três (3) banheiros para os estudantes, dois banheiros para os trabalhadores, uma portaria, onde estão matriculadas cerca de 170 crianças de 2 a 5 anos.

Em 2008 a escola passou por uma reforma estrutural física, foram

¹ São formatos digitais que permitem armazenar músicas e arquivos de áudio em um espaço relativamente pequeno.

construídas duas salas e a cantina foi totalmente reformada e ampliada. Além disso, a escola recebeu uma pintura interior e exterior.

O estabelecimento atualmente está funcionando em três turnos e com aproximadamente 1273 alunos. O primeiro turno funciona no horário de 7:00 às 11:30 e compreende dezenove turmas de 2º e 3º ciclos, sendo treze do 3º ciclo e seis do 2º ciclo. O segundo turno funciona no horário de 13:00 às 17:30 horas, sendo que, estão matriculados os alunos do 1º e 2º ciclo formado por dezessete turmas. O terceiro turno funciona no horário de 19:00 às 22:30 e estão funcionando as turmas de Primeiro ao Nono ano, divididos em nove turmas.

A escola possui um Diretor e duas Vice-diretoras. O Diretor é responsável pela UMEI (Cavalinho de Pau) e uma das vice-diretoras administra a UMEI.

Há dois projetos importantes implantados pela Secretaria Municipal de Educação: A Escola Integrada e a Escola Aberta. A Escola Integrada tem a participação de cerca de 150 alunos dos turnos da manhã e tarde. Eles ficam todos os dias na escola, assistindo aulas de diversas atividades: jogos, aulas de informática, jogos pedagógicos, etc. Já o projeto Escola Aberta² funciona aos finais de semana e oferece dentro da escola, lazer, esporte, formação e cultura para a comunidade. Considerado um modelo para o país pelo Ministério da Educação, o programa mantém 120 escolas abertas nos finais de semana e recebe cerca de 58 mil pessoas (todo mês) para diversas atividades.

Além de integrar a “Rede pela Paz” e a ação permanente de prevenção, a Escola também conta com o Programa Floração – aceleração de estudos- que é uma ação da Secretaria Municipal de Educação em parceria com a Fundação Roberto Marinho. Essa parceria é destinada aos jovens com idade de 15 a 19 anos, que estão em situação de distorção idade-ano de escolarização, visando à conclusão do Ensino Fundamental.

Percebe-se o Projeto Político Pedagógico na Escola ainda não está escrito, entretanto, na prática há a existência de uma proposta pedagógica que busca superar o tradicionalismo que ainda existe na educação, pois a escola elabora vários projetos de ação, envolvendo toda a comunidade escolar, por exemplo: festa da família, intercâmbio literário e projeto de ação pela paz.

Entretanto, a parceria com a biblioteca ainda é pouco evidenciada, o que traz a necessidade de elaborar um projeto de integração e revisitar o papel da biblioteca na escola, como espaço de aprendizagem.

Já que, por várias vezes a equipe da biblioteca participou das reuniões do colegiado de forma cooperativa, opinando sobre os interesses da escola e da comunidade. Por se tratar de uma escola pioneira em inserção dos grupos comunitários, garantiu ao longo dos anos uma maior coletividade nas decisões e a trouxe, para dentro do colegiado, uma visão mais distanciada à daqueles que estão mergulhados no cotidiano escolar (SILVA, 2010 p. 217).

2. Biblioteca - espaço de mediações e parcerias – teoria e prática

A biblioteca Monteiro Lobato é uma bibliotecapólo³ funciona em um espaço que antes era o auditório da escola. Seus frequentadores são na grande maioria, estudantes da própria escola e estudantes das escolas próximas, além de alguns integrantes da comunidade. O espaço de leitura funciona em sintonia com o Programa de Bibliotecas da RME/BH que revelou após um diagnóstico feito em 1997, a ausência do espaço “biblioteca” na maioria das escolas municipais. Foram então contratados bibliotecários e auxiliares de biblioteca para por em prática o Programa de Revitalização das Bibliotecas Escolares.

Atualmente o Programa de Bibliotecas é gerenciado pelo Núcleo de Coordenação de Biblioteca, da Gerência da Coordenação da Política Pedagógica e de Formação (GCPF). Constituído também pelo Grupo de Estudo de Acervo da RMEBH, responsável pela elaboração de listas de sugestões de fontes bibliográficas, que deveriam compor o acervo das bibliotecas, segundo o ciclo de formação presente nas escolas.

Quanto aos recursos humanos a biblioteca possui em seu quadro de funcionários um bibliotecário, três auxiliares e dois professores de laudo⁴. Sendo que quatro deles possuem formação de nível superior. O horário de funcionamento do espaço é de 7:00 às 13:00 horas e de 13:00 às 22:00 de segunda a sexta. Entre os serviços prestados pela Biblioteca encontram-se os

³ Biblioteca responsável pelo intercâmbio de ações entre bibliotecas escolares sob sua coordenação e destas com outras bibliotecas pólo, com o Núcleo de Coordenação de Bibliotecas e outras redes de bibliotecas (públicas universitárias e outras).

⁴ Professores em desvio de função por possuírem laudo médico.

serviços de atendimento ao usuário, e serviços de referencia e atendimento às comunidades. É também função da biblioteca escolar dar suporte as necessidades de informação deste público, principalmente as bibliotecas polo. Segundo Manifesto IFLA/UNESCO⁵, a biblioteca escolar tem como missão:

Promover serviços de apoio à aprendizagem aos membros da comunidade, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios (IFLA, 2006 p.3)

Por se tratar de uma bibliotecapólo, a Biblioteca Monteiro Lobato, localizada na Escola Professor Edgar da Mata Machado atende o requisito mencionado acima. No segundo semestre de 2007 ao assumir o cargo de auxiliar de biblioteca na Escola Professor Edgar da Mata Machado, a biblioteca encontrava-se em um espaço muito reduzido, sendo que o trabalho realizado no turno da tarde era predominantemente o de empréstimo e preparo técnico dos livros. Havia muitas discussões na rede sobre o papel de mediação das bibliotecas. No mesmo ano participei de um Seminário na Escola de Ciência da Informação sobre Biblioteca Escolar e até então desconhecia o conceito de Competência Informacional conceito amplamente designado como sendo:

o conjunto de habilidades necessárias para localizar, interpretar, analisar, sintetizar, avaliar e comunicar informação, esteja ela em fontes impressas ou eletrônicas (CAMPELLO, 2005 p.9)

No segundo semestre de 2007 cursei disciplinas que possibilitaram-me uma reflexão sobre a função educativa da biblioteca e o papel do bibliotecário. Em sua tese de doutorado Bernadete Santos Campello reflete sobre o papel educativo do bibliotecário no contexto brasileiro:

No Brasil, embora presente com bastante frequência no discurso dos bibliotecários desde a década de 1960, a função educativa desse profissional não parece ter-se concretizado na prática, havendo concordância de que ele, por motivos os mais diversos, não vem exercendo a contento seu papel educativo (CAMPELLO, 2009 p. 20).

Apesar dos obstáculos, procurei conciliar teoria, prática e enquanto cursava as disciplinas, refletia sobre as habilidades que poderia desenvolver na biblioteca escolar e ajudar a desenvolver junto com os alunos.

⁵ IFLA é a Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecárias

Ao participar da III Mostra de Literatura Afro-Brasileira/VII⁶ Encontro dos de Profissionais de Bibliotecas, percebi que os participantes desconheciam a existência do Kit Afro. Até então, não conseguia planejar e colocar em prática alguma ação que pudesse melhorar esta situação. Entretanto, em 2011, ao ser apresentada a ementa do curso e da promoção do plano de ação, percebi que poderia unir o planejamento da escola com o plano de ação da biblioteca.

No mesmo semestre que participei da Mostra de Literatura Afro⁷, cursei uma disciplina que tinha como objetivo desenvolver habilidades instrumentais, propiciando uma reflexão do bibliotecário em relação às práticas de contação de histórias, como elemento importante nas ações de incentivo à leitura. O que apontou para a prática de leitura na biblioteca Monteiro Lobato e contação de histórias. Refletindo sobre textos de Nelly Novaes sobre a origem da narração de histórias a autora esclarece que:

O impulso de contar histórias deve ter nascido no homem, no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros alguma experiência sua, que poderia ter significação para todos. Não há povo que não se orgulhe de suas histórias, tradições e lendas, pois são a expressão de sua cultura e devem ser preservadas. Concentra-se aqui a íntima relação entre a literatura e a oralidade (COELHO, 2000, p.56).

No ano de 2008 o cargo de Analista de Políticas Públicas foi assumido por um novo bibliotecário que propôs a nossa equipe trabalhar todo mês com um projeto “Autor em Destaque”. Trabalho construído que se constitui basicamente de um painel com a Biografia do autor em destaque do mês. No painel havia também uma lista dos livros do autor disponível na biblioteca. Durante o empréstimo de livro era feita a leitura da biografia e a contação de uma história do referido autor. Esse projeto proporcionava um melhor entendimento a respeito do autor homenageado, bem como, de sua obra. O projeto “Autor em Destaque” prosseguiu durante os anos de 2009 a 2011, sendo que, em 2011 percebemos que este poderia adquirir um aspecto interdisciplinar. Estabeleceram-se então parceria entre a biblioteca, o Projeto de Intervenção Pedagógica e o planejamento da escola.

⁶ Realizada entre os dias 21 e 27 de novembro de 2007.

⁷

3. **Podcast: o uso de uma ferramenta para contar histórias**

Em 12 de fevereiro de 2004, o jornalista Bem Hammersley utiliza pela primeira vez o termo PodCast em um artigo de sua autoria, para o jornal britânico The Guardian. No Brasil o Projeto PodEscola⁸, através do Portal EscolaBR⁹ que contemplou a produção de PodCast, pois os arquivos sonoros podem ser acessados na página da pessoa que o publicou (MENTA,2007). A escolha por esse tema: a utilização das Tecnologias da Comunicação no processo de letramento, não se deve apenas ao fato de trabalhar leitura e interpretação como foco nas marcas de oralidade. O podcast também ajuda a desenvolver a oralidade e os sentidos. É sabido que os sentidos têm grande importância na aprendizagem, segundo (FERREIRA, 1995 p.4) através da estimulação dos sentidos pode-se: aumentar o interesse e atenção; diminuir o tempo de formação; facilitar a troca de ideias; facilitar a atividade do formador; facilitar a retenção na memória.

Segundo os PCNs o trabalho com computador pode ensinar o aluno a aprender com seus erros e aprender junto com seus colegas, trocando suas produções e comparando-as. O podcast através da gravação em áudio ao ser publicada em um blog possibilita o registro de um texto oral, que antes poderia se perder no ambiente da construção em sala de aula, agora estará registrado para análise, tanto por um grupo quanto por parte dos professores.

O papel da biblioteca escolar no processo de formação de leitores deve ser repensado. Um número significativo de pesquisas têm revelado o equívoco das políticas e das atividades de promoção à leitura.

A biblioteca deve ser concebida como espaço de comunicação e não apenas de informação, que leve em conta a corporeidade da leitura da criança e do adolescente, isto é, os seus modos de ler e de apreender.

O ato de contar histórias e gravá-las favorece uma atuação ativa dos alunos na medida em que permite planejar e executar uma seleção do que deve ser gravado, os efeitos que se deseja produzir, a modificação de aspectos que

⁸ para maiores informações acessar o site:[http:// www.escolabr.com/projetos/podescola/](http://www.escolabr.com/projetos/podescola/)

⁹ com patrocínio da BrasilHosting mais cinco contas cedidas pelo portal POIE e certificação do site Vivência pedagógica o projeto foi lançado em 2006.

não ficaram adequados.

4. **Contar histórias: uma história muito antiga**

Efetivamente, esta deve ser a primeira manifestação artística surgida depois da linguagem articulada, por causa dos poucos elementos e materiais que se precisa: em princípio somente o domínio da oralidade expressiva.

Um contador de histórias, em todo tempo e lugar, encontrou quem o escutasse. Nas sociedades tribais primitivas essa atividade não possuía uma finalidade exclusivamente artística; tinha um caráter funcional decisivo, pois os contadores de histórias eram os que conservavam e transmitiam a história e o conhecimento acumulado pelas gerações, as crenças, os mitos, os costumes e valores a serem preservados pela comunidade. Durante séculos, foi através da oralidade que a cultura popular se manteve, sem pergaminhos ou iluminuras, mas na memória viva.

Como atividade artística, com normas e técnicas passíveis de serem transmitidas a todos, a prática de contar histórias se desenvolveu no final dos séculos passados, sobretudo nos países nórdicos, anglo-saxões e, posteriormente nos latino-americanos. Essa prática estende-se até chegar a “hora do conto”, nas bibliotecas. A narração oral tem o poder de evocar emoções, de transportar a imaginação, de tornar real a fantasia.

A narração oral é, portanto uma forma de comunicação que se alimenta da história e da ficção, integrando a palavra aos gestos. Através do prazer ou das emoções que as histórias proporcionam, o simbolismo que está implícito nas tramas e personagens vão agir no inconsciente, atuando pouco a pouco para ajudar a resolver os conflitos interiores.

A Literatura Infantil constitui-se como gênero durante o século XVII, época em que as mudanças na estrutura da sociedade desencadearam repercussões no âmbito artístico. O contato com textos recheados de encantamento faz-nos perceber quão importante e cheia de responsabilidade é toda forma de literatura.

O mundo imaginário da criança sempre foi e continua sendo um dos elementos mais importantes na literatura destinada às crianças. Produzido pela criança que há em cada um de nós. Assim o poder de cativar esse público tão

exigente e importante aparece (COELHO, 2000 p. 56). Assim também como ratifica Bruno Bettelheim em seu livro a Psicanálise dos Contos de Fadas:

A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. Tendo oportunidade, voltará ao mesmo conto quando estiver pronta e ampliar os velhos significados ou substituí-los por novos (BETTELHEIM, 2000 p. 21).

Nelly Novaes Coelho aponta para novas linhas ou tendências da literatura infantil/juvenil contemporânea de forma que passado e presente se fundem para gerar novas formas e novos gêneros. A partir de indagações iniciais a respeito do tipo de literatura a trabalhar com a turma para a produção do podcast, inicialmente pensamos em histórias com situações sonoras, entretanto, após o plano piloto, percebemos que os alunos ficaram limitados a aquele tipo de texto. E sem explorar muito sua capacidade criativa e a diversidade de gêneros literários, foco e objetivos deste plano.

Os PCNs também sugerem que o trabalho com textos na escola seja feito na perspectiva dos gêneros. Nesse sentido, SCHNEUWLY e DOLZ (2004, p. 74) afirmam que os gêneros abrem uma porta de entrada para as práticas de linguagem na escola, que evita que delas se tenha uma imagem fragmentária no momento de sua apropriação. Ou seja, os alunos teriam a oportunidade de perceber a linguagem em funcionamento.

Ao ler Livros e Cartas como um presente: III Kit de Literatura Afro-Brasileira em 2007, publicado pela Secretaria Municipal de Educação em 2007 e após compartilhar leituras e fazer reflexões com professores sentimos a necessidade de incentivar o uso do Kit. Entretanto, há dificuldades para a promoção de leitura nessa temática, devido ao preconceito, apesar de que, a literatura ocupa um espaço privilegiado, uma vez que, cria oportunidades diversas para discutir aspectos culturais e históricos no continente africano e brasileiro, bem como, a presença forte da herança cultural afro no Brasil.

É preciso que haja mudanças de postura pedagógica, desde a superação de preconceitos e estereótipo a escola deve possibilitar ações afirmativas nesse sentido, conhecer a realidade do aluno, procurar partilhar e trocar saberes.

Os contos africanos foram deixados pelos povos da África como cultura oral – onde os anciões das tribos eram valorizados justamente por conhecer

muitas histórias, ter um rico conhecimento popular e transmiti-los aos mais jovens.

Assim, o Projeto com contos africanos possibilitou às crianças oportunidades de ler as diferentes versões de um conto, reconhecendo a leitura como fonte essencial para produzir bons textos, participar de rodas de leitura, discussão, atuar diretamente como co-autor nos processos de textualização: planejamento, reconto, revisão, reconhecendo a importância de conhecer textos bem escritos para fundamentar sua própria versão, bem como, permitir que elas tenham uma reflexão sobre a diversidade e multiplicidade cultural que o rodeia, contribuindo para uma formação em que a pluralidade cultural é edificada pela singularidade de cada indivíduo (DEBUS; SILVA; AZEVEDO, 2005).

O escritor carioca Rogério Andrade Barbosa, ao retornar na década de 1980 da Guiné-Bissau¹⁰, o respeito à ancestralidade e o valor dos griots, contadores de histórias, estão presentes em sua produção literária de forma singular. Este escritor influenciou Clenice Gomes e outros autores a recontar histórias assim nós também recontamos o casamento do filho do vento, o terceiro podcasting.

No terceiro podcasting: “o casamento do filho do vento” o personagem principal tinha a característica de ter um temperamento forte. Simbolizava a força do amor e da destruição. Apesar dos mitos terem um final trágico. Neste houve uma recriação transformando-o em um conto de fadas onde a identificação dos garotos com a história foi porque ventinho gostava de jogar futebol e era privado deste prazer bem comum para os alunos que tem que dar conta das tarefas escolares em detrimento das opções de lazer. A identificação das meninas com Nakati foi também por se interessarem em futebol, afinal há boas jogadoras no Brasil, apesar do futebol feminino ser pouco valorizado.

6. Objetivo Geral

Fomentar a contação de histórias desenvolvidos pelos alunos no final do 2º Ciclo do Ensino Básico e vivenciar práticas reais de uso das novas tecnologias na escola, utilizando o podcasting: uma ferramenta que ajuda a desenvolver a oralidade e os sentidos.

¹⁰ Onde ficou por dois anos como professor voluntário da Organização das Nações Unidas (ONU), traz, na bagagem, diversos contos africanos que consegue recontar sem perder o fio imemorial da oralidade que enreda essas narrativas.

6.1. Objetivos Específicos

- Criar podcasting que remetem à linguagem do rádio e utilizando gêneros orais nas atividades de reconto.
- Possibilitar o uso e o acesso às novas tecnologias no contexto escolar.
- Desenvolver habilidades de acesso, de análise, de aplicação, de criação e comunicação eletrônica.
- Permitir a comunicação à distância, apresentando de forma multicultural, artística e interativa.

7. Metodologia

Segundo as recomendações para elaboração de podcast feitas por (CARVALHO et al, 2008) utilizou-se a sequência de atividades: elaboração do texto (adaptações das histórias), leitura silenciosa, leitura oral, escolha de personagens, atividades de desinibição, gravação, edição, publicação e audição.

Os alunos que participaram deste projeto foram de três turmas. O primeiro podcasting contou com a participação de quatro alunos que frequentavam o 3º ano do 1º ciclo. Deste grupo, apesar de um dos alunos ter encontrado dificuldades de leitura, nenhum aluno da série participava do Projeto de Intervenção Pedagógica. Os alunos eram muito empenhados e muito curiosos na aquisição das aprendizagens, pelo que qualquer atividade era, geralmente, acolhida com interesse e receptividade.

Já possuíam hábitos de leitura, manifestando os seus gostos e preferências pela escolha de livros e autores. Na escola requisitavam livros da biblioteca de turma de forma autônoma, pelo gosto de ler. Frequentemente trocavam opiniões sobre as leituras que realizavam.

A participação dos pais/responsáveis nas atividades escolares era muito boa, uma vez que acompanhavam os seus filhos na realização dos trabalhos de casa e perguntavam qual era a utilidade do podcasting e se interessavam em saber quando teriam o resultado do trabalho.

As atividades relativas ao primeiro podcasting, que fazem parte do corpus deste trabalho, foram desenvolvidas no final do semestre letivo do ano de 2011, nomeadamente no mês de Junho.

Os alunos desta turma pertencem a EMPEMM deste grupo, oito alunos

estavam matriculados no 2º ano pela 1ª vez. No entanto, um aluno estava no Projeto de Intervenção Pedagógica¹¹ grupo de apoio educativo, encontrando-se numa fase inicial de 1º ano de escolaridade.

O grupo de 3º ano era composto por sete crianças matriculadas no 3º ano de escolaridade pela 1ª vez. Dois alunos revelavam um déficit na atenção/concentração e necessitavam de um apoio constante da professora.

Os alunos desta turma revelavam um comportamento difícil, devido ao surgimento de situações conflituosas entre os colegas e conseqüentemente perturbações no decorrer das aulas e das atividades. Este fato e a diversidade de grupos existentes na turma originavam um *desgaste* constante no processo ensino/aprendizagem.

Contudo, os alunos eram interessados revelando curiosidade e empenho pelas atividades que desenvolviam. Ainda não possuíam hábitos de leitura, se tornando uma tarefa persistente a de leitura diária, implementada ao longo do ano letivo, para criar nos alunos o gosto pela leitura.

Penso que a persistência em incentivá-los a ler trouxe bons resultados, pois maiores partes dos alunos, na metade do segundo semestre do ano letivo de 2011, já requisitavam livros na biblioteca da escola espontaneamente. As atividades relacionadas com as obras do corpus deste trabalho foram desenvolvidas entre agosto e setembro de 2011. Os alunos corresponderam com empenho e entusiasmo às atividades propostas.

Durante o ano letivo 2011 estes alunos tiveram possibilidade de participarem de uma excursão e de assistirem o filme: “O Pequeno Nicolau” no Sesc Palladium.

Durante esta atividade os alunos demonstraram entusiasmo já que, o filme foi baseado em um dos livros mais solicitados à biblioteca para a professora fazer leitura diária. Encarregados de fazer um debate após o filme, os alunos demonstraram alegria e interesse pelas atividades e pela temática apesar do filme não relatar a parte do livro pela qual tinham maior interesse, ou seja, a partida de futebol.

¹¹ Projeto que propõe a melhorar no ensino da rede pública e discutir novas perspectivas de atuação do PDE (Programa de Desenvolvimento da Educação) para os anos de 2011-2014. O diagnóstico de leitura é feito PIP 1 (anos iniciais) e PIP II (anos finais) e discutem os índices de leitura e escrita entre alunos até os oitos anos. O PIP atende também aos estudantes dos anos finais do ensino fundamental.

7.1. Atividades na sala de aula

Na sala de aula foram desenvolvidos trabalhos relacionados com as obras que fazem parte do *corpus* deste trabalho. Os trabalhos foram realizados em duas fases e com três grupos de alunos.

Conforme foi mencionado, a primeira fase foi realizada entre Junho de 2012 com alunos do 3º e do 1º ciclo, da EMPEMM. A segunda fase do trabalho foi realizada entre agosto e setembro de 2012, com alunos do 2º e 3º anos de escolaridade, do segundo ciclo. Ambas as turmas fazem parte do Projeto de Intervenção Pedagógica e frequentam a biblioteca uma vez por semana, biblioteca em que trabalhei durante quatro anos letivos.

Os podcasting dos alunos serão identificados por números 1,2 e 3 e os alunos pelas personagens cujas abreviaturas dos nomes se encontram em anexo.

7.2. Atividades na biblioteca

Ao introduzir a prática de leitura frequente no Projeto de Intervenção pedagógica, o professor solicita à biblioteca uma lista dos livros sugerida pela Coordenação da SMED, a biblioteca seleciona os livros e efetua o empréstimo. No horário de biblioteca, os alunos procuram pelo livro lido pela professora do PIP, promovendo assim, um fluxo de informação entre professor-aluno-biblioteca.

Em alguns momentos os alunos leem um livro na biblioteca e depois, querem ouvir a mesma história, mas contada por outra pessoa. É feita a leitura do mesmo livro na biblioteca, pois os alunos querem ouvir a mesma história contada por outra pessoa. Sempre que o educador lê para a turma, revela as múltiplas possibilidades que os textos oferecem.

A atividade de leitura diária requer uma parceria efetiva com os auxiliares da biblioteca, pois os empréstimos de livros sugeridos ao PIP dependem deste contato constante que os alunos têm com este espaço de leitura.

Em momentos de conversa com colegas de trabalho compartilhamos que os alunos não demonstram interesse em expressar ou poucos expressam com clareza o que entenderam da leitura. Por isso, optamos por essa ação na busca de romper o *silêncio*, iniciando discussões e interações que ultrapassam os muros da escola.

A escola é espaço de silêncio reflexivo, não repressor. No silêncio reflexivo educador e educando podem encontrar-se nas trocas, descobertas, pesquisas e implementação de ações que oportunizarão o aluno a ter voz e propiciar sua formação enquanto seres humanos cidadãos.

7.3. Leitura e exploração das histórias

O projeto que partiu da biblioteca em parceria com as salas de aula foi realizado em dois momentos diferenciados de trabalho: atividades em sala de aula e atividades na biblioteca. Os alunos fizeram comparação das características dos personagens das histórias, desenharam o gato e dramatizaram a história. No entanto, o modo de explorar as histórias, com os momentos de pré-leitura, leitura e pós-leitura, foram mantidos em todas as turmas.

7.3.1. Como o gato e o rato se tornaram inimigos

A ideia de ter um plano piloto ocorreu no mês de junho por iniciativa da direção, em parceria com a biblioteca. A escolha de uma lenda africana foi devido ao projeto da escola. Segue a transcrição do podcasting em anexo.

A respeito do gênero lendas, o folclorista brasileiro, Câmara Cascudo, no livro *Literatura Oral no Brasil*, registra:

Iguais em várias partes do mundo, semelhantes há dezenas de séculos, diferem em pormenores, e essa diferenciação caracteriza, sinalando o típico, imobilizando-a num ponto certo da terra. Sem que o documento histórico garanta veracidade, o povo ressuscita o passado, indicando as passagens, mostrando, como referências indiscutíveis para a verificação racionalista, os lugares onde o fato ocorreu (CASCUDO, 1978, p. 51).

A lenda é uma forma de narrativa antiquíssima, cujo argumento é tirado da tradição. Relato de acontecimentos, onde o maravilhoso e o imaginário superam o histórico e o verdadeiro.

Geralmente, a lenda está marcada por um profundo sentimento de fatalidade. Este sentimento é importante, porque fixa a presença do Destino, aquilo contra o que não se pode lutar e demonstra, irrecusavelmente, o pensamento do homem dominado pela força do desconhecido. De origem muitas vezes anônima, a lenda é transmitida e conservada pela tradição oral (COELHO, 200 p.171).

Dentre tantas possibilidades para reconto escolhemos primeiramente uma lenda africana pela profunda identificação folclorística com o Brasil. Apesar do folclore brasileiro ser rico em lendas regionais. Destacam-se entre as lendas brasileiras os seguintes títulos: "Boitatá", "Boto cor-de-rosa", "Caipora ou Curupira", "Iara", "Lobisomem", "Mula-sem-cabeça", "Negrinho do Pastoreio", "Saci Pererê" e "Vitória Régia". Escolhemos uma lenda africana pela sonoridade e pelo fato de uma das professoras já ter o hábito de contar lendas africanas para os seus alunos. Além de que, a lenda é uma narrativa baseada na tradição oral e de caráter maravilhoso, cujo argumento é tirado da tradição de um dado lugar. Sendo assim, relata os acontecimentos numa mistura entre referenciais históricos e imaginários. O interessante é que no segundo podcast, os alunos fizeram uma adaptação inserindo um personagem brasileiro (a mula-sem-cabeça) em uma história com animais diferentes do nosso habitat como por exemplo (tigre e leão).

Após escolhido o tipo de gênero, o segundo passo, após a contribuição da professora responsável pelo projeto de intervenção pedagógica. Este planejamento foi feito a partir das rotinas de leituras diárias selecionadas pelo professor. Durante a elaboração contei com o auxílio da direção e em sequência, nos tornamos parceiros do projeto de Intervenção Pedagógica (PIP). Ao final, tivemos que adequar os horários do PIP aos horários de empréstimo na biblioteca para não atrapalhar o cronograma que a biblioteca já seguia.

Adaptação da história – As histórias foram adaptadas inicialmente por nós, equipe da biblioteca e enviada para a professora que após ler e fazer algumas alterações, enviou aos alunos que adaptaram os textos ao seu contexto. Isso foi feito para construirmos um diálogo mais coloquial e que facilitasse o desempenho dos jovens durante as gravações com o microfone. Mas, infelizmente, o que não foi possível mantermos a qualidade do que estávamos gravando e a espontaneidade dos participantes.

Quando ensaiávamos a leitura em voz alta com entonação e locução adequadas, demorávamos em média, uma hora para nos prepararmos para a gravação. Ao final, só conseguíamos registrar meia hora de áudio, pois perdíamos muito tempo com os ensaios.

Leitura em Sala de Aula – O Plano Piloto não contou com uma leitura

anterior em sala de aula, a leitura foi feita diretamente na biblioteca e a escolha do conto foi feita pelos próprios funcionários juntamente com a direção e com a aprovação dos alunos.

7.3.2. Noite Escura

Para ajudar as crianças a compreender em a história Noite Escura na primeira aula Dorothée sugere contar resumidamente a história, depois ler mostrando-lhes as (ilustrações) e fazê-los comentar depois (MONFRIÉD, 2008 p. 1). A aula prosseguiu com a exploração do nome do autor e ilustrador da obra e do respectivo título.

Na aula seguinte, logo no início, os alunos me pediram, entusiasmados, que lesse a história. Procedeu-se então à leitura da obra. A cada virar de página os alunos pediam para ver a ilustração. Em um segundo momento, fiz com que os alunos classificassem os personagens começando pelos que não gostavam ou sentiam medo. Depois, pedi que fizessem fichas dos personagens e descrevessem o encontro de cada um deles. Bem como, relacionar o encontro de cada um deles: Fantino – o lobo, que corre do tigre, que corre do crocodilo , que corre do monstro com o coelho e Fantino. Foram capazes de acionar os seus conhecimentos pessoais acerca do medo e relacioná-los com suas próprias histórias. No final da sessão, os alunos dialogaram e confrontaram sobre as inferências realizadas no dia anterior e a história ouvida.

Na terceira aula, foi pedido aos alunos que reconhecessem cada som produzido pelos animais da história: HOUOHHOU (O LOBO);GGRRRRRR! (O TIGRE), RROOOOAAA! (O CROCODILO);GRRRRROOOOOAHOU! (FANTINO), bem como, falassem/escrevessem sobre as atitudes das personagens. Por fim, foi pedido aos alunos que recontassem a história.

Antes das fases iniciais da intervenção, promovemos um momento de escuta de alguns podcasting feitos e produzidos por e para crianças de outro país referentes ao Concurso Conta-nos uma história (Portugal).Posteriormente foram feitas gravações com a presença de um editor. Após a seleção de personagem para imitar o som daquele bicho, cada aluno ficou responsável de produzir um som com o próprio corpo.

Durante a atividade, os alunos fizeram comentários sobre a história,

principalmente depois de visualizarem o painel na aula de biblioteca durante o mês do folclore (um mapa do Brasil com todas as lendas e mitos por região).

As edições foram feitas em estúdio por um funcionário da biblioteca, através do programa Audacity e 4shared, já que, os alunos não dominam as práticas de letramento para execução da mesma.

Segundo algumas recomendações para elaboração de podcast: O podcast deve ter um início, um meio e um fim, sendo que, estas três partes são importantes para captar a atenção do aluno.

As audiências, como se referem (CARVALHO apud Geoghegan e Klass 2008), os alunos gostam da estrutura, mas com inovação. Os autores sugerem começar com “força” para captar a atenção dos ouvintes e terminar em “grande”. Hendron (recomenda que é melhor que o podcast seja breve e simples, claro e conciso. É importante praticar para ganhar sensibilidade para estes aspectos. É também necessário planejar o conteúdo e definir o ritmo do podcast (CARVALHO apud HENDRON, 2008).

A música de fundo pode enriquecer a mensagem que será transmitida reforçando-a. Ela ajuda a criar um ambiente, ao reforçar a mensagem: alegre, triste, rápida, tensa, etc. A título de exemplo, “Noite Escura” foi feita depois de ouvirmos a trilha sonora de Alfred Hitchcock mestre do “suspense”. A opção por música de fundo depende do tipo de podcast criado e da finalidade pretendida pelo seu autor. No caso dos Podcasts: Número 1 e 3 foram usadas trilhas sonoras de som de ritmos africanos, a todo momento, estávamos preocupados em não ferir os direitos autorais.

O auxiliar de biblioteca também profissional da área musical, pois como profissional do ramo ele tem um bom conhecimento de bandas sonoras. Conhece os gostos dos alunos, e considera que a música de fundo é essencial. Ressalta que o importante é a mensagem, a entoação, as pausas, o ritmo da sua locução, que pode ser reforçada por um fundo musical.

Findo o trabalho realizado postcasting da obra *Noite Escura* passou-se às atividades da obra *Contos Nina África; contos de uma África menina para ninar gente de todas as idades*.

7.3.3. O casamento do filho do vento

No início da primeira sessão foi mostrado aos alunos a capa da história e o respectivo título. Após um breve diálogo sobre o título, autor/ilustrador e imagem da capa, foi pedido aos alunos que fizessem uma explanação do que poderia ser a história. Este fato fez crescer a curiosidade que procuravam satisfazer com a tentativa de abrir o livro.

As atividades de desinibição foram as segundas atividades aplicadas no processo, sendo que como recomendam Walch & Lafferty é importante evitar barulho de fundo, pois, pode interromper o fluir do discurso (CARVALHO apud Walch & Lafferty 2006 p. 97). Os autores aconselham que os alunos estejam relaxados ao gravarem para podermos ter uma melhor vocalização possível e internalização das falas.

A leitura acompanhada e individual de cada personagem, a familiarização com a história e com os personagens foram a terceira fase do processo de construção da história. Ao apresentar o livro (análise da capa, localização do autor, título, ilustrador) os alunos participaram de uma prática de letramento informacional.

Após esta apresentação foi feita solicitação de leitura silenciosa para se observar a capacidade de concentração do aluno. Feita a leitura silenciosa passamos à execução de leitura em voz alta para observar a pronúncia do aluno.

A maioria dos alunos já estava com os personagens escolhidos antes de participar desta atividade na biblioteca, entretanto, o momento de definição fora na biblioteca e pude observar o porquê de cada aluno se identificar com determinado personagem segundo a sua personalidade – os mais tímidos, por exemplo, se contentaram em produzir o som de um bater na porta (Toc toc).

Posteriormente, foi feita uma análise da história e esclarecemos algumas dúvidas a cerca do podcast (explicação da interface do programa, manuseio do fone, gravação de uma apresentação com roteiro prévio).

Na aula seguinte, procedeu-se à leitura da obra. O jogo lúdico de tapa e desta etapa que a cada virar de página o livro proporciona, foi entusiasmando os alunos que sorriam perante o desenvolvimento da narrativa.

Após a leitura os alunos confrontaram as expectativas do dia anterior com a história acabada de ler, dialogando, inclusive, sobre a obra anteriormente

explorada. Solicitou-se, então, aos alunos que refletissem sobre as atitudes das personagens e emitissem as opiniões por escrito. Após a reflexão individual realizou-se um debate em que cada aluno falou criticamente sobre as personagens.

Na terceira aula, realizou-se uma releitura do texto com o objetivo de construir um *círculo de relações entre as personagens*. Esta atividade foi trabalhada em grupo.

Após este trabalho foi pedido que os alunos recontassem, por escrito o conto “O casamento do filho do vento”. Na quarta aula, os alunos foram convidados a observarem um planetário. Para esta atividade pesquisou-se sobre planetas e sobre o fato de Plutão não ser considerado mais um planeta e suas respectivas características.

No dia seguinte, os alunos estavam muito entusiasmados para realizar a atividade. A intenção foi enaltecer o trabalho de entre o ajudar e o saber partilhar. Os alunos corresponderam ao objetivo.

Posteriormente, os alunos, em grupo, dialogaram sobre as diferenças e semelhanças existentes entre as personagens principais das duas obras, procedendo ao seu registro. Após esta atividade foi pedido aos alunos que imaginassem uma história com outros personagens. Esses seriam para a história do casamento do filho do vento; surgiram então os planetas (Júpiter, saturno, a lua, vênus, marte) com suas respectivas personalidades.

Por fim, os alunos prepararam e dramatizaram a história, para os colegas da turma. Para esta atividade de reconto foram selecionados mais 10 atores para representarem as personagens. No entanto, como todos os alunos da turma queriam, de algum modo, participar da atividade, a apresentação da peça foi feita pelo restante dos alunos, que iniciaram a apresentação aludindo ao mundo das histórias, o mundo do «Era uma vez»...

O podcasting foi gravado, entre os dias 21 de novembro, na biblioteca sala de aula, por três sessões, com a duração de 10 minutos. Cada sessão teve entre 20 a 25 crianças ,professores e auxiliares de biblioteca.

8. Taxonomia de podcasting

A maioria dos especialistas considera quatro tipos de podcasts, abaixo

caracterizados: Expositivo/ Informativo, Feedback/ Comentários, Instruções/ Orientações e Materiais autênticos.

Baseado na Taxonomia de Podcasts feita por (CARVALHO, 2009d) disponibilizada no artigo: *Taxonomia de Podcasts*, adaptei os podcasting desenvolvidos neste trabalho como materiais autênticos por se assemelharem a pequenas audições como as de rádio, já que, não há classificação ainda existente para o tipo de contação de histórias, conforme o quadro abaixo:

Número/ nome do Podcast	Tipo	Formato	Duração	Autor	Estilo	Finali- dade
01/Como o gato e o Rato se tornaram Inimigos	Materiais autênticos	áudio	3 minutos 1 minuto de apresentação	auxiliares de biblioteca e alunos	infor-mal	artística
02/Noite Escura	Materiais autênticos	áudio	5:20 6:18 (apresentação)	auxiliares de biblioteca e alunos	info-rmal	artística
03/ O Casamento do Filho do Vento	Materiais autênticos	áudio	7:34 2:00 (apresentação)	auxiliares de biblioteca e alunos	infor-mal	artística

Quanto ao formato os podcasts podem ser áudios e vídeos. O podcast em vídeo é designado por vodcast (CARVALHO apud Salmon & Edirisingha, 2008) o que fica com o ficheiro menos pesado é o áudio. Esse é um aspecto considerável quando o programa for criado. O screencast permite fazer tutoriais que se podem rentabilizar em diferentes contextos. O podcast áudio para além de ser menos pesado, permite que o ouvinte tenha as mãos livres, podendo fazer outra atividade simultaneamente.

A literatura observa ainda outro aspecto quanto a execução dos podcast no que diz respeito a duração CARVALHO cita três categorias de podcasts: curto, moderado e longo. O podcast curto oscila entre 1 minuto até 5 minutos. O podcast moderado pode ter entre 6 minutos e 15 minutos. E o podcast longo tem mais de 15 minutos.

No nosso projeto, alunos de salas diferentes fizeram podcasts de durações diferentes, sendo que, um mais curto: “A História de como o gato e o rato se tornaram inimigos”; um mais moderado: “Noite Escura” e por último mais longo: “O Casamento do Filho do Vento. Acredito que o de maior predileção foi este último pelo fato de envolver quase toda a turma na escolha, adaptação e

participação.

Como referem Chan et al. (2006), se uma canção transmite uma mensagem e geralmente varia entre 3 e 5 minutos, porque precisamos de podcasting com duração superior? É preferível criar mais podcasts do que ter um longo. Além disso, vários estudiosos sugerem podcasts de curta duração, embora tenham um conceito temporal mais amplo que o nosso. Por exemplo, Cebeci e Tekdal (2006) propõem podcasts que não ultrapassem os 15 minutos, segundo eles há uma diminuição de atenção na audição e na compreensão. O máximo que nossos podcast atingiram foram nove minutos de duração.

A finalidade do podcast pode ser muito variada, mas a título de exemplo pode ser para informar, divulgar, motivar uma temática ou fazer alguma atividade, orientar os alunos a questionarem sobre determinado assunto. O professor tem ao seu dispor os recursos criados com o propósito de reforçar a sua autoridade ou para orientar os seus alunos na aprendizagem. Em suma, pretende-se salientar que os podcasts não estão a serviço de nenhuma abordagem teórica. É um recurso utilizado para reforçar, uma abordagem mais behaviorista ou mais construtivista. Tudo depende do modo como o professor o coloca no contexto de ensino.

9.Segunda Etapa: Análise dos Trabalhos segundo a sociolinguística

Na análise das produções de áudio para educação veiculadas por PodCasts, disponibilizadas no Blog [http://<empemmpodcast.blogspot.com>](http://empemmpodcast.blogspot.com), feitas no mês de novembro, nota-se a importância da variedade linguística encontradas nas salas de aula de uma mesma escola. Outros fatores que contribuem para esta variação no modo de falar das crianças foram: Grupos etários; Gênero (meninas e meninos falam de maneiras distintas mulheres costumam usar mais diminutivo: “Trouxe essa lembrancinha pra você”; usam mais as partículas: “né”, “tá”) como aconteceu no podcasting Como o gato e o rato se tornaram inimigos, transcrito em anexo,: a expressão devagar, foi falada pela

narradora, uma menina que insistia em falar: *devagarinho*. Segundo BORTONI-RICARDO (2004, p. 8) esses são chamados de *marcadores conversacionais*, têm a função de obter aquiescência e concordância do interlocutor.

Já no capítulo 7 BORTONI-RICARDO ao concluir suas reflexões sobre a supressão da consoante no travamento das sílabas de padrão CVC, exemplificado representado por /N/ de travamento nasal a ocorrência do traço [+ nasal] nas vogais. O que acontece na seguinte transcrição: “Fantino pe[eñ]sa”. Na escrita, esse travamento nasal é representado pelo til /~/ ou pelas consoantes nasais(BORTONI-RICARDO, 2004 p. 97).

Já a linguagem dos homens, por outro lado, é mais marcada pelos chamados palavrões e gírias mais chulas BORTONI-RICARDO (2004, p. 9). Não percebemos essas marcações no podcast, mas algumas vezes, nas conversas informais antes das gravações. Principalmente, quando foram feitas gravações coletivas como foi a história: o casamento do filho do vento, também transcrita no anexo. Essas variações entre os repertórios feminino e masculino são relacionados aos papéis sociais, que são culturalmente condicionados BORTONI-RICARDO (2004, p. 9). As crianças já estavam familiarizadas com o gravador de modo que para algumas essas atividades eram sempre bem-vindas. Para as mais tímidas, não. Era comum pedirem para ouvir o que a outra gravava ou pedirem para buscar o colega na sala, ou ainda para eu participar um pouco interpretando uma parte da história. Assim, pude observar o quanto uma criança influencia a outra, pois as mais arreadas sentiam-se mais motivadas depois de ouvir a gravação da colega, chegando a pedir para trocar de personagem com a amiga ou opinar se ele seria melhor narrador ou personagem.

O nosso papel enquanto mediador do processo consistiu em ajudar as crianças, conforme suas solicitações ou suas necessidades. Ora pediam para iniciar a história, ora pediam para ajudar a lembrar partes esquecidas, ora para articular palavras ou frases.

No caso do terceiro podcasting as crianças puderam ser avaliadas do ponto de vista de suas capacidades de memorizar e recriar textos com a criação de novos personagens representantes do folclore nacional, como foi o caso da mula-sem-cabeça. Neste percebemos que nas, a sequências narrativas, os turnos de diálogos e o uso do “aí”, em comparação aos primeiros trabalhos, foi

diminuindo. Por se tratar de uma turma de final de segundo ciclo e já dominante da aquisição de base alfabética. Constatamos também o uso de elementos coesivos como: demarcações de tempo (“depois”, “aí depois”, “de repente”) recursos estilísticos como a repetição: “Fantino corre....” e o tradicional marcador inicial da história “Era uma vez” e marcadores conclusivos (“eles viveram felizes para sempre”).

Ao longo do curso, o conceito de competência foi mencionado várias vezes. Por isso, a necessidade de distinguir os conceitos de competência linguística e competência comunicativa. Chomsky, um importante linguista, propôs a dicotomia competência/desempenho, em que a competência – assim como a língua, na perspectiva saussuriana – é uma abstração comum a uma comunidade de fala. A esse conceito, Chomsky acrescentou a referência à noção de conjunto de regras capazes de gerar sentenças bem-formadas dentro da língua (VAL; VIEIRA, 2005 p. 12). Mas é Dell Hymes quem propõe a definição de *competência comunicativa*. Para ter competência comunicativa, o falante tem que de conhecer as normas sociais que definem a adequação da fala.

O que lhes falta é ampliar seus recursos comunicativos, de forma que possam realizar tarefas comunicativas complexas nas quais se exige muita monitoração, ou seja, em que o nível de formalidade / monitoração: o contexto pode ser formal ou informal e a monitoração da fala pode ser feita nas duas situações comunicativas. “A escola é o espaço em que os educandos vão adquirir, de forma sistemática, recursos comunicativos que lhes permitam desempenhar-se competentemente em práticas sociais especializadas”, ou seja, onde vão desenvolver *competência comunicativa*.

Segundo BORTONI-RICARDO (2004, p. 97) o português brasileiro, é formado de três linhas, chamadas contínuos, que são: contínuo de urbanização; contínuo de oralidade-letramento e contínuo de monitoração estilística. O primeiro se situa nos falares rurais mais isolados e na outra ponta, os falares urbanos formados ao longo do processo sócio-histórico. O segundo são eventos mediados pela influência língua escrita. E o terceiro pode ser situado desde as interações totalmente espontâneas até aquelas que são previamente planejadas e que exigem muita atenção do falante.

Ao longo das gravações dos podcasting, podemos perceber que os alunos

alternam estilos monitorados, que exigem muita atenção, e estilos de fala não monitorados, realizados durante os momentos de “leitura branca”, antes da encenação sem o mínimo de atenção à forma da língua. Assim sendo, em diversos momentos percebemos que os alunos agem conforme a situação exige, seja porque o interlocutor é o professor, seja porque o interlocutor é o auxiliar de biblioteca. Realizador da atividade inicial de abstração, ou por último, o auxiliar de biblioteca que está no momento que executa a gravação. Este é um interlocutor poderoso e exerce uma ascendência maior sobre os alunos, pois eles sentem necessidade de causar uma boa impressão.

BORTONI-RICARDO (2004 p. 9) estabelece que de modo geral, os fatores que nos levam a monitorar o estilo são o contexto, o interlocutor e o tópico da conversa. A autora salienta que, com um mesmo interlocutor, o estilo de fala poderá tornar-se mais ou menos monitorado em função do alinhamento que assumimos em relação ao tópico e ao próprio interlocutor.

Os alunos ensaiaram uns com os outros substituindo os personagens pelos alunos faltosos, mudavam seu estilo, pois estavam entre seus pares. Ao serem chamados a gravação, mudavam a postura, ficavam sisudos, de forma que, percebe-se a falta de espontaneidade durante as gravações.

10. Considerações Finais

Após análise cuidada dos resultados obtidos com a intervenção, concluímos, em traços gerais, que o contato com obras de literatura infantil é claramente produtivo, visto que os alunos aderiram e identificaram-se com os textos. Produziram trabalhos bastante interessantes e desenvolveram progressivamente competências que podem ser comprovadas através dos resultados (tanto escritos como orais) anteriormente apresentados e analisados.

No entanto, inicialmente, notávamos que os alunos não estavam habituados a usar este tipo de tecnologia e trabalhar literatura de forma integrada

e diversificada. Notava-se uma dificuldade dos alunos do PIP (Projeto de Intervenção Pedagógica) em largarem a Educação Física, por exemplo, para participarem do Podcasting. Porém, nesta turma, a criação de novos personagens para a história surgiu de forma mais espontânea, atividade na qual os alunos mostravam estar predispostos.

Deste modo, através do contato com histórias de ficção, os alunos parecem ter desenvolvido não só conhecimentos específicos acerca da literatura partindo da mesma, mas também se envolveram afetiva e criativamente com ela, resultando neste envolvimento. A nosso ver, numa efetiva experiência de aprendizagem e desenvolvimento de um leitor mais crítico e competente.

Podemos perceber que há nas aulas de Língua Portuguesa um maior incentivo para o trabalho com a língua escrita. No entanto, sabemos que é muito importante inserirmos na prática dessa disciplina uma metodologia que contemple a língua falada. Nossos estudantes, desde o início de sua escolarização, precisam compreender as variantes existentes entre língua falada e escrita, saber valorizar o uso de ambas, compreendendo que cada uma delas assumem uma função comunicativa e por isso se dispõem de mecanismos específicos, por exemplo na fala há os gestos, entonação de voz, expressões faciais, o que na escrita é diferente.

Ainda segundo Irandé ao desenvolvermos trabalhos em sala de aula há uma concentração de atividades em torno dos gêneros da oralidade informal, entretanto, com pouca análise quanto ao contexto a que esses alunos pertencem (ANTUNES, 2003 p. 34).

Como sugestão para um futuro plano de ação a comparação de gravações com a versão escrita e reflexões a respeito do texto final, verificando se a história transcrita manteve a emoção original, seguindo de discussões quais palavras poderiam ser utilizadas. Conversar se os passos da retextualização foram bem feitos e o que poderia ser alterado para que o texto ficasse mais adequado à proposta sugerida. Os alunos poderiam ser produtores de podcasting e a se envolverem mais na elaboração o texto, aprendendo melhor e trabalhando colaborativamente.

Algumas indagações foram discutidas nas proposições curriculares entre elas: como fazer para que a escola deixe de ser um local onde se reproduza

essas desigualdades sociais e o preconceito linguístico? Como utilizar estratégias para minimizar essas desigualdades? Sendo também colocadas a nós profissionais da biblioteca. Segundo BORTONI-RICARDO (2004, p. 8) chamados “erros” que nossos alunos cometem têm explicação no próprio sistema e processo evolutivo da língua. Portanto, esses fenômenos podem ser observados de modo mais consistente e cientificamente embasados. As escolas, em especial as públicas, trabalham para prevenir e evitar o fracasso escolar, mas pouco se fala em sucesso, e em ensino individualizado, atento às necessidades e aos ritmos individuais. E como a biblioteca pode contribuir para o sucesso escolar? Através práticas de letramento literário, atividades de promoção da leitura, bem como observações e análises da capacidade de leitura dos alunos. Podcasting é uma ferramenta que pode indicar caminhos na compreensão e percepção de estratégias para o uso de mídias em educação, neste projeto foi usado para contar histórias como práticas de letramento literário. A literatura infantil proporciona à criança um desenvolvimento emocional, social e cognitivo indiscutível e as histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, entre outros.

11. Referências

BARBOSA, Rogério. *Bichos da África 1: Lendas e Fábulas*. São Paulo: editora melhoramentos, 2003. 16 p.

BARROS, Gílian C.; MENTA, Ezequiel; Podcast: produções de áudio para educação de forma crítica, criativa e cidadã. *Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación*. Disponível em: <<http://www.eptic.com.br>, vol. IX, n. 1, ene. – abr. /2007> acesso em: 24 de jun. 2011.

BELO HORIZONTE. Rede Municipal de Belo Horizonte. Proposições curriculares para língua portuguesa .Belo Horizonte: jan, 2008. p. 140-164.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 14. ed. São Paulo: Paz

e Terra, 2000.

BORTONI-RICARDO, Stella Maria. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. Secretaria de educação fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: matemática*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 142 p.

CAMPELLO, Bernadete Santos. *Letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico*. Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do grau de Doutor por defesa direta de tese. Belo Horizonte: UFMG, 2009. 209 p.

CAMPELLO, B. *et al. Biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 64p.

CARVALHO, A. A, AGUIAR, C., CARVALHO, C. J., Oliveira, L. R., CABECINHAS, R., Marques, A., SANTOS, H. & MACIEL, R. (2008a). *Taxonomia de Podcasts*. Disponível em http://www.iep.uminho.pt/podcast/Taxonomia_Podcasts.pdf

CARVALHO, A. A., AGUIAR, C., CABECINHAS, R. & CARVALHO, J. (2008b). *Integração de Podcasts no Ensino Universitário: Reações dos Alunos*. *Prisma.com*, nº 6, 50-74. Disponível em <http://prisma.cetac.up.pt/> Acesso em: 04 abr. 2012.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

DEBUS, E.S.D.; SILVA, S.R.; AZEVEDO, F.F. Diálogo intercultural e literatura infantil: olhares de Luís Sepúlveda e Jorge Amado. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LA SOCIEDAD ESPAÑOLA DE DIDÁCTICA DE LA LENGUA Y LA LITERATURA, 8., 2003, Badajoz. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LA SOCIEDAD ESPAÑOLA DE DIDÁCTICA DE LA LENGUA Y LA LITERATURA, 8., 2003. Anais. Badajoz: 2005.

FERREIRA, Fernando Tavares. *As novas tecnologias(da) na (in)formação: a informática e os audiovisuais na criação e na execução de apresentações*. Portugal: Porto editora, 1995.

GOMES, Lenice; HOLANDA, Arlene; GOMES, Clayson. *Nina África; contos de uma África menina para ninar gente de todas as idades*. São Paulo: Elementar, 2009.

GOMES, M. J. (2005). *Blogs: um recurso e uma estratégia educativa*. In

Actas do VII Simpósio Internacional de Informática Educativa, SIIE, pp. 305-311. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7358/1/Com%20SIIE.pdf> acesso em: 17 mar. 2012

HAMMERSELEY, Ben. *Audible revolução*. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/media/2004/feb/12/broadcasting.digitalmedia> acesso em: 04 jun. 2012.

Internet

http://www2.eptic.com.br/eptic_es/interna.php?c=82&ct=397&o=1

Audacity.sourceforge.net/?lang+pt

www.laben2.net, podcasts feitos pelos alunos do Colégio Pedro II – Unidade Engenho Novo II. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/podcasting.pdf>

Manifesto da Unesco para bibliotecas escolares. Disponível em: <http://Manifesto da Ifla/Unesco para>www.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf Acesso em: 07 mar. 2012

MONFREID, Dorothée de Monfreid. *Noite escura*. São Paulo: Martins Fontes, 2009. 40 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. Secretaria de Educação. *Proposições curriculares ensino fundamental 2º ciclo*. Rede Municipal de Belo Horizonte: Texto Preliminar. Belo Horizonte: Jan, 2008. p. 28.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. Desenvolvido pela Prodabel. Disponível em: [http://www.portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/contents.do?evento=conteudo&idConteudo=31722&chPlc=31722&termos=escola aberta](http://www.portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/contents.do?evento=conteudo&idConteudo=31722&chPlc=31722&termos=escola%20aberta) Acesso em: 06 abr. 2012.

RUIZ, Eliana Maria Severino Donaio. *Kd o portugues dk gnt???* :-O blog, a gramática e o professor. *Rev. Brasileira de Lingüística Aplicada*, v. 5, n. 1, 2005 Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/rbla/article/view/729> acesso em 17 mar. 2012.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas escolares aos objetivos de ensino. *Revista Brasileira de Educação*, n. 11, p. 5-15, mai/jun/jul/ago. 199.

SILVA, Luís Fernando. *Grupos Comunitários nos Colegiados Escolares: entre o “instituído” e o “realizado”. A experiência de duas escolas públicas municipais de Belo Horizonte*. Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas para obtenção do título de Mestre em Educação. Belo Horizonte: UFMG, 2010. 265 p.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. 9. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 128 p.

VAL, Maria das Graças Costa; VIEIRA, Marta Lourenço. *Língua, texto e interação*:

ANEXOS A

Transcrição 1

COMO O GATO E O RATO SE TORNARAM INIMIGOS

Narrador: No tempo em que os gatos e ratos ainda eram amigos, aconteceu uma grande enchente.(barulho de enchente) Os rios transbordaram inundando os campos e as florestas. Um gato e um rato foram pegos de surpresa pela chuvarada enquanto colhiam mandioca. Ficaram ilhados no alto de um morro, não sabendo como voltar para aldeia onde moravam.

Gato: - E agora? Perguntou o gato

Rato: - Tenho uma ideia. Que tal construirmos uma jangada com os talos de mandioca?

Narrador: O bichano aprovou a proposta do companheiro e começaram imediatamente

a preparar a improvisada embarcação com os talos de mandioca que haviam colhido durante o dia inteiro.

Logo que a jangada ficou pronta, os dois lançaram-na à água e puseram-se a caminho de casa. Como o rio estava muito cheio tinham que ir remando devagarinho.

Remaram e remaram. Barulho de esforço por remar.

O rato morto de fome, resolveu comer um pedacinho da jangada.

Barulho de roer.

Gato: O que você está fazendo? perguntou o felino.

Rato: Estou com fome e por isso vou roer um bocadinho da jangada.

Gato: Nada disso! Continue a remar. Miau Narrador: Quando anoiteceu, cansado também de remar, soltou um miado.

Gato: Miauuu. (eco).

Narrador: Dormiu.

Rato: Começou a roer. Barulho

Narrador: Roeu tanto, que terminou fazendo um buraco bem no meio da jangada e CATIMBUM: afundaram!

Por sorte estavam perto da margem. Com muito esforço chegaram em terra firme, e então, o dorminhoco, enfurecido, falou para o roedor:

Gato: _ Agora quem vai te comer sou eu, seu desastrado!

Rato:- Mas eu estou todo enlameado. Espere aqui um pouquinho que eu vou me lavar. LEITURA PAUSADA.

Narrador: o rato desapareceu para dentro da toda.

Mesmo assim o gato esperou um tempão para se vingar, mas então percebeu que havia sido enganado. E é por causa desta briga que eles são inimigos até hoje.

Transcrição 2 NOITE ESCURA

É de noite.

Fantino está na Floresta.

Ele é pequenino e está com medo.

Fantino pára.

Um lobo.

Fantino estremece.

O que é isso?

O lobo acende uma fogueira.

Não posso me mexer.

Fantino Pensa.

Então ele ouve.

Então um lobo.

HOUOHHOU (O LOBO)

O lobo leva um susto.

Fantino tapa os olhos.

Quando volta a olhar, Fantino está sentado no toco de uma árvore.

Fantino transpira.

Que cara feroz tem esse tigre.

Mas então.

Som de uma ave.

UUUUU!!!

GGRRRRRR! (O TIGRE)

O tigre foge.

Um outro animal se aproxima.

Um crocodilo.

RROOOOAAA! (O CROCODILO);

Fantino está com as pernas bambas.

Ele se encolhe no buraco.
Então ele sente uma coisa nas costas.
Ele apalpa.
É a maçaneta de uma porta.
Uma escada onde estou?
Fantino ouve o barulho.
Ele se assusta.
Ufa!!!
A Escada vai dar numa coisa minúscula.
Fantino senta e toma um chocolate que está sobre a mesa.
Diante dele uma porta se abre devagar.
Oh! um coelho fantino exclama
Oh! Um menino
Diz o coelho.
A floresta está cheia de
Sons de líquido sendo despejado
Vim me esconder e dei com o seu apartamento.
E o que eu vou fazer agora?
Quero voltar pra minha casa mas estou com medo
Vou com você, responde o coelho

Ele veste uma capa e vai para a escada, pega uma mala e vai para escada
No alto da escada ele pega
Depois ele monta nas costas de Fantino
Debaixo da capa Fantino está tremendo.
Estou com fome, diz Fantino
Vai em frente e solte um rugido de Leão – diz o coelho
ORRRRR
Estou vendo minha casa
Vire a esquerda é por ali.
(Sons de trotes)
Abram por favor tem uma mulasemcabeça querendo nos pegar
Abram por favor!!!
Sons de uivos.
Rápido ela vai nos atacar
Socorro!!!
Socorro!!!

Transcrição 3

O CASAMENTO DO FILHO DO VENTO

Essa é uma história de um tempo muito antigo [...]

De repente, você podia carregar um semi-deus no colo, cumprimentar a Dona Lua na venda ou jogar conversa fora com o Vento.

Por falar em Vento, era meio complicado ser seu amigo. Ficava zangado a toa[...]

Por causa desse temperamento forte [..]

Quem não gostou nada dessa história foi o filho mais novo do Vento que adorava jogar bola com os amigos no campinho da aldeia. Lá no espaço ninguém jogava futebol [...].

Aqui chegando, logo tratou de reencontrar os amigos, já que estavam jogando bola:

Minha amiga vai entrar no jogo.

Nakati [Nakatí]!!!! O que você tá fazendo aí?

Marte:-Tá,tá,tá.

ANEXOS B

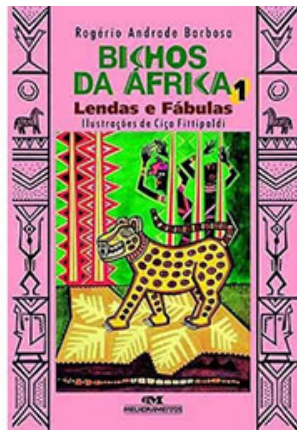


Ilustração 1 -Capa do livro Bichos da África – Rogério Andrade Barbosa - reconto podcasting 2



Ilustração 2 -Capa do livro Noite Escura – Dorothee Monfried – reconto podcasting 2

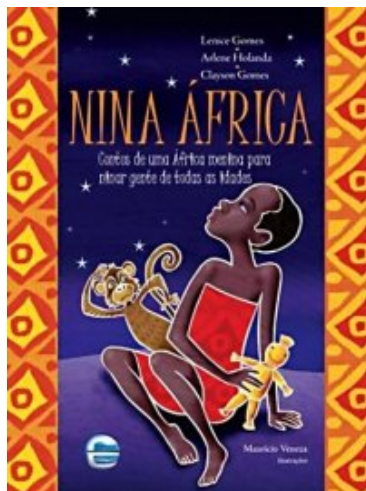


Ilustração 3 -Capa do livro Nina África: contos de uma África menina para ninar gente de todas as idades– reconto podcasting 3